

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Marta Steinberg (USP)

Um idioma é um código de comunicação que, se não compartilhado pelas pessoas envolvidas no processo comunicatório, exige um elemento codificador como intermediário da operação de decodificação. Este intermediário, que decodifica a mensagem e a transpõe para outro código é o tradutor ou o intérprete. No caso da mensagem escrita o tradutor passa para um outro código o texto possibilitando a membros pertencentes a uma outra comunidade lingüística tomarem conhecimento de seu conteúdo. Quando a comunicação é por meio de linguagem oral, o intermediário recebe o nome de intérprete. O sentido primeiro de interpretar é "ajuizar a intenção, o sentido de", conforme nos ensina o Novo Dicionário Aurélio. O mesmo dicionário registra, para traduzir, o sentido de "transpor, transladar de uma língua para outra". Como vemos, já pela própria definição, trata-se de duas operações diferentes, embora aparentadas no seu objetivo. Se, ao traduzir, transpomos de uma língua para outra, ou seja, de um texto para outro, de um código para outro, ao interpretar devemos "ajuizar a intenção". Parece-nos, pois, que este "ajuizar" carrega todo um feixe de elementos que vão além da equivalência lexical, fraseológica, ou sintática contextualizada.

Se o tradutor deve estar atento para todas as teias que envolvem o discurso escrito a fim de não cair nas armadilhas dos falsos cognatos a nível lexical ou fraseológico, ou dos significa-

ILHA DO DESTERRO, Nº 17, 1º semestre de 1987. pp. 9-12

dos que são fornecidos não pelo léxico mas sim pelo contexto de sua ocorrência, se ele deve se preocupar com correspondências de registro e de estilo dos vários gêneros literários ou não o intérprete além de dominar as técnicas do tradutor precisa estar aparelhado para captar algo mais além da fala. No caso do discurso oral há a considerar um conjunto de elementos que se manifestam através de outros canais de comunicação, além do aparelho fonador, que nos permitem melhor ajuizar a intenção do falante. Esses elementos, visíveis, audíveis e sensíveis estão ausentes do texto. Algumas vezes eles vêm descritos pelo autor, para justamente permitir ao leitor como que visualizar a mensagem. O intérprete deve conhecer, além do código lingüístico, os outros elementos que acompanham a fala e cujas manifestações variam de cultura para cultura. Esses elementos se constituem na paralinguagem, proxêmica, tacêsica, cinésica, silêncio.

A paralinguagem engloba todos os sons e ruídos produzidos pelo aparelho fonador e que acompanham a fala, mas não fazem parte do sistema sonoro do idioma em questão. Embora muitas vezes idênticos em línguas diferentes, certos ruídos têm significado completamente diferente. É o caso de "tsk tsk", que empregamos em português como equivalência de "não". Para os norte-americanos é uma manifestação de desaprovação.

A proxêmica, ou seja, a distância mantida entre interlocutores, também varia de cultura para cultura e tem portanto interpretações diferentes. Se para os latinos e árabes a menor distância é a norma, para os anglo-saxões ela se configura em invasão de intimidade ou ameaça.

A tacêsica, ou comunicação tátil, pode pôr a perder uma interação, se não for observada. Enquanto que para algumas culturas tocar o interlocutor é comum, para outras ela é ultrajante.

A cinésica, ou seja, os movimentos corpóreos todos, desde a postura, os gestos manuais, até expressões faciais, olhares e sorrisos, são responsáveis por grande parte da comunicação não contida nas palavras e que precisamos ajuizar. Os mesmos gestos podem ter significados diversos para povos diferentes. Além disso, muitas vezes substituem a palavra. Como decodificar seu significado, sem dominar a linguagem da cinésica? Como interpretar os gestos não

deliberados, traidores de intenções?

O silêncio não gramatical, isto é, aquele que ocorre além das pausas previstas na estrutura gramatical de idioma, transmite uma variedade de intenções e significados, podendo mesmo ser mais eloquente que a palavra.

Se o aparelho fonador é responsável pela corrente de ar que possibilita a fala, o corpo todo seja em postura estática seja em movimentação de suas partes ou de seu todo está sempre transmitindo mensagens. Cabe ao intérprete saber o que significam em cada cultura para que a sua decodificação de mensagem seja correta. Hall (1962) chama os elementos que acompanham a fala de "ocultos" da linguagem. O conhecimento desse contingente de "ocultos" é de primordial importância para o intérprete, que está "ajuizando a intenção" do emissor da mensagem a fim de transmiti-la corretamente ao receptor. Quando se trata de culturas com um certo grau de semelhança histórica, cultural e étnica as diferenças entre os "ocultos" não são tão drásticas. Quando porém se trata de culturas totalmente diferentes como é o caso de povos orientais e ocidentais, as diferenças são dramáticas, e o não conhecimento delas pode causar interpretações erradas.

O problema que se coloca para aprender os chamados "ocultos" é que eles se aprendem mas não se ensinam. O motivo é que a linguagem está estruturada sintaticamente. Já os "ocultos" fazem parte de outros códigos que, se possuem uma estrutura, esta ainda não foi determinada. Para nos comunicarmos com membros de uma outra sociedade lingüística, não basta termos fluência lingüística, é preciso também termos fluência cultural, como afirma o grande estudioso da comunicação não verbal, Fernando Poyatos.

Deve pois o intérprete dominar o que Buyssens (1967) chama de códigos digital e analógico. A linguagem digital é estruturada, possui sintaxe, como é o caso de um idioma. Já a analógica é qualquer comunicação que se processa por outros meios que não os do código lingüístico. Pode ser vocálica ou não. Quando vocálica, pertence ao âmbito da paralinguagem, ou seja, da modificação da voz, incluindo-se aí vasta gama desde a entoação paralingüística, falsetos, cochichos, grunhidos, silêncios preenchidos. Quando não vocálica, manifesta-se através da postura do

corpo, de expressões faciais, olhares, gestos com as mãos, toque, distância interpessoal, silêncio. São sinais auditivos e visuais que o intérprete deve transpor para a outra língua, juntamente com o código lingüístico. Numa interpretação em situações menos formais, o intérprete tem acesso à comunicação analógica, na medida em que seus clientes lhe são visíveis. Em situações mais formais e envolvendo maior número de intérpretes de diversos idiomas, o intérprete dentro de uma cabine não tem acesso aos seus clientes e o seu trabalho fica prejudicado. Muitas vezes, cabines são de vidro, proporcionando a visão necessária. Contudo, dado seu custo elevado, sua necessidade tem sido questionada. Pesquisas levadas a efeito por Dr.^a Margareta Bowen comprovam a necessidade que o intérprete tem de enxergar tanto o emissor quanto o receptor da mensagem. É óbvio que essa necessidade está ligada ao processo da comunicação analógica. Esta constatação nos leva a um ponto completamente negligenciado nos currículos dos cada vez mais proliferantes cursos de tradução/interpretação. Os programas de Cultura e Civilização são historicamente orientados, com algumas tinturas de literatura. Os mais sofisticados incluem estudos de atualidade política e financeira. Porém Cultura é comportamento também, e comportamento lingüístico. Estudos contrastivos de comunicação analógica ainda não fazem parte dos currículos de tradução/interpretação. A falha não é impossível de ser sanada. Fica aqui a sugestão.

Referências Bibliográficas

- Bowen, Margareta et alii. **Interpretation and Non-Verbal Communication Report on the Georgetown University Round Table.**
National Resource Center for Translation and Interpretation.
- Buyssens, Eric. 1967. **Semiologia e comunicação lingüística** (Tradução de Izidoro Blikstein) Cultrix, São Paulo.
- Hall, Robert. 1962. "Our Silent Language". **Americas**, 14(2:5-8).
- Poyatos, Fernando. 1980. "Interactive Functions and limitations of Verbal and Non-Verbal behavior in natural conversation".
Semiótica 30, 3/4.
- Steinberg, Martha. 1987. **Os elementos não-verbais da conversação.** No prelo.